

A close-up photograph of a purple flower, likely a Dianthus, with a dense cluster of bright yellow stamens in the center. The petals are a deep magenta color and are slightly out of focus in the background.

GUIA DA FLORA DE PORTUGAL CONTINENTAL

André Carapeto, Paulo Pereira e Miguel Porto

ICONOGRAFIA UTILIZADA

Risco de extinção



CRITICAMENTE EM PERIGO



EM PERIGO



VULNERÁVEL



QUASE AMEAÇADA



POUCO PREOCUPANTE



INFORMAÇÃO INSUFICIENTE

Distribuição global



ENDEMISMO LUSITANO



ENDEMISMO IBÉRICO



PREDOMINANTEMENTE IBERO-MAGREBINA



PREDOMINANTEMENTE MEDITERRÂNICA



PREDOMINANTEMENTE EUROPEIA



PLURIRREGIONAL OU SUBCOSMOPOLITA



EXÓTICA

Frequência na área de distribuição



MUITO RARA



RARA



OCASIONAL



POUCO FREQUENTE



FREQUENTE



MUITO FREQUENTE

Aspetto geral



ÁRVORES



ARBUSTOS



TREPADEIRAS



BOLBOSAS E SIMILARES



HERBÁCEAS PERENES



HERBÁCEAS ANUAIS



GRAMINOIDES



ANFÍBIAS



AQUÁTICAS

Usos



MEDICINAL



ALIMENTAR



ESSÊNCIAS/USOS INDUSTRIAIS



VENENOSAS/TÓXICAS



MATERIAIS E ESTRUTURAS



ORNAMENTAL



FORRAGEIRAS/SIDERAÇÃO



MELÍFERA



SOCIAL



MAPA DE DISTRIBUIÇÃO

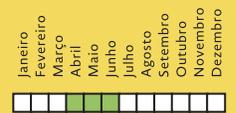


DIAGRAMA DE FLORAÇÃO



VARIAÇÃO ALTIMÉTRICA



ESPÉCIE PROTEGIDA



ESPÉCIE PARCIALMENTE PROTEGIDA

GUIA DA FLORA DE PORTUGAL CONTINENTAL

Autoria

André Carapeto, Paulo Pereira e Miguel Porto

Coordenação científica

Sociedade Portuguesa de Botânica

EDIÇÕES LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020
BOTÂNICA EM PORTUGUÊS 6

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da

INCM

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Câmara Municipal de Lisboa, 2021

Título

Guia da Flora de Portugal Continental

Coordenação científica

Sociedade Portuguesa de Botânica

Autores

André Carapeto, Paulo Pereira e Miguel Porto

Revisão científica

André Carapeto, Paulo Pereira, Miguel Porto e Ana Francisco

Impressão e acabamento

Gráfica Diário do Minho

Edição: Afonso Reis Cabral

Revisão: Carlos Jesus

Capa e conceção gráfica: Rui Henrique

Paginação: Eva Vinagre e Rui Henrique

1.ª edição: julho de 2021

ISBN: 978-972-27-2880-5

Depósito legal: 473045/20

Edição n.º: 1024317

Obra publicada no âmbito da distinção de Lisboa como Capital Verde Europeia 2020





ÍNDICE

6	Introdução	184	28. Eufórbias e afins
7	Nota explicativa dos conteúdos	190	29. Umbelíferas
		208	30. Gencianas e afins
10	1. Fetos, cavalinhas e licopódios	212	31. Corriolas e solanáceas
20	2. Gimnospérmicas	218	32. Boragináceas
24	3. Carvalhos, amieiros e afins	226	33. Labiadas
28	4. Salgueiros e choupos	238	34. Tanchagens e globulárias
32	5. Oliveiras e afins	242	35. Bocas-de-lobo, escrofulárias e afins
34	6. Árvores e arbustos diversos	258	36. Campanuláceas
42	7. Ranunculáceas	262	37. Rubiáceas
50	8. Papoilas e fumárias	268	38. Valerianas e dipsacáceas
56	9. Cariofiláceas	274	39. Compostas
70	10. Salicórnias, bredos e quenopódios	316	40. Herbáceas diversas
78	11. Polígonos e labças	324	41. Suculentas
82	12. Limónios e armérias	332	42. Plantas carnívoras
88	13. Hipericões	334	43. Parasitas e hemiparasitas
90	14. Primuláceas	340	44. Trepadeiras
92	15. Salgueirinhas, epilóbios e afins	346	45. Plantas aquáticas
98	16. Linhos	356	46. Juncos, carriços e tabuas
100	17. Geraniáceas	370	47. Gramíneas
104	18. Malváceas	400	48. Jacintos e abróteas
108	19. Violetas	406	49. Alhos e narcisos
110	20. Estevas e sargaços	414	50. Tulipas, fritilárias e afins
116	21. Resedas e afins	418	51. Lírios, açafrões e jarros
120	22. Crucíferas	422	52. Orquídeas
136	23. Urzes e afins		
140	24. Troviscos	430	Bibliografia
142	25. Saxifragáceas	431	Portais da Internet
144	26. Rosáceas	432	Índice de nomes científicos
152	27. Leguminosas	445	Índice de nomes comuns

INTRODUÇÃO

Esta obra tem como objetivo possibilitar uma visão abrangente da flora vascular de Portugal continental, pelo que estão ilustrados 2076 táxones (na maioria dos casos, correspondendo a espécies e, mais raramente, a subespécies ou variedades). Este valor representa mais de 60% da diversidade de plantas vasculares assinalada para Portugal continental, de acordo com a *Checklist da Flora de Portugal (Continental, Açores e Madeira)* (Sequeira et al., 2011). Apesar de o presente trabalho ser focado nas espécies mais comuns e disseminadas no território, procurou-se também dar a conhecer algumas das espécies mais raras e a maioria das espécies endémicas de Portugal continental.

O presente guia incide sobre a flora vascular (plantas que têm vasos condutores especializados no transporte da seiva), que abarca todos os grandes grupos de plantas terrestres (classe Embryopsida), com exceção do grupo dos 'briófitos', constituído pelos musgos (subclasse Bryidae), hepáticas (subclasse Marchantiidae) e antóceros (subclasse Anthocerotidae). As plantas vasculares agrupam-se, grosso modo, em três grandes grupos: o grupo dos 'pteridófitos', constituído pelos fetos e licópódios, plantas que não produzem semente e que se reproduzem por esporos; o grupo das gimnospérmicas, plantas com semente mas sem flor, constituído pelas coníferas, gnetófitos, cicas e ginkgo; e o grande grupo das angiospérmicas, as plantas com flor (subclasse Magnoliidae).

O guia aposta numa forte componente visual, com imagens do aspeto geral da planta ou da sua inflorescência, por vezes enriquecidas com detalhes do fruto ou das flores, que facilitem o reconhecimento da espécie no campo. Cada uma das espécies ilustradas é acompanhada por um mapa da sua distribuição no território, baseado nos dados de ocorrências atuais compilados no portal *Flora-On* (<https://flora-on.pt/>) e, em algumas ocasiões, complementado com informação compilada em obras

de referência, como a *Flora iberica* (Castroviejo, S., coord. geral, 1986-2020) e a *Nova Flora de Portugal* (Franco, 1971, 1984; Franco & Rocha Afonso, 1994, 1998, 2003).

Ao nível da informação que acompanha cada espécie, são indicados os principais nomes comuns, a sua ecologia resumida, o período de floração mais provável, a sua frequência na área de distribuição (variando de muito rara a muito frequente) e usos, quando conhecidos.

As espécies estão agrupadas em capítulos e subcapítulos, organizados de modo a facilitar a consulta da obra por parte de um público menos experiente na botânica. Na maioria dos casos, foram agrupadas com base em semelhanças morfológicas, correspondendo às suas famílias botânicas (e.g., leguminosas, gramíneas, umbelíferas, boragináceas), mas noutras agruparam-se espécies de famílias distintas, por vezes pouco relacionadas filogeneticamente (e.g., trepadeiras, herbáceas e árvores de famílias isoladas). Em casos excecionais, os capítulos reúnem espécies com evidentes similaridades ecológicas (e.g., plantas aquáticas) ou biológicas (e.g., parasitas, suculentas).

Na apresentação de cada capítulo ou subcapítulo, são dadas algumas informações sobre as famílias (ou os géneros) nele incluídas. É também fornecida alguma informação simplificada sobre as espécies não ilustradas na obra, na qual se foca, sempre que possível, a sua distribuição, abundância relativa e ecologia, e, em alguns casos, indicações que permitam a sua distinção das espécies ilustradas. O código QR presente em cada capítulo possibilita uma ligação direta a uma pesquisa no portal *Flora-On* (<https://flora-on.pt/>) correspondente a esse conjunto de plantas, permitindo o acesso a mais conteúdos e informação sobre as mesmas.

SUBGRUPO

LICOPÓDIOS, CAVALINHAS E LÍNGUAS-DE-COBRA

Incluem-se neste subcapítulo os licopódios, os isoetes e as selaginelas, todos representantes da subclasse mais primitiva das plantas vasculares (Lycopodiidae), e também os grupos de fetos mais primitivos, nomeadamente as cavalinhas (classe Equisetidae) e os fetos-língua-de-cobra (classe Ophioglossidae).

Na subclasse das Lycopodiidae assinalam-se nove espécies, que pertencem a três famílias (e ordens) distintas: Lycopodiaceae, Selaginellaceae e Isoetaceae. A família Lycopodiaceae (ordem Lycopodiales) é representada por três espécies, todas elas muito raras em Portugal continental: *Lycopodium clavatum*; *Lycopodiella inundata*; *Palhinhaea cernua*, a qual, embora seja frequente em algumas ilhas açorianas, tem na serra de Valongo o único local conhecido de ocorrência na Europa continental. Na família Selaginellaceae (ordem Selaginellales) assinalam-se apenas duas espécies: *Selaginella denticulata* e *Selaginella kraussiana*, espécie introduzida de aparência similar à anterior, mas de ocorrência pontual na metade norte do país e na serra de Sintra. A família Isoetaceae (ordem Isoetales) é representada por quatro espécies do género *Isoetes*, todas características de locais temporariamente encharcados e com um aspeto geral semelhante (distinguíveis pela existência, ou não, de espinhos na base das folhas e por pormenores dos seus esporos). Além de *Isoetes histrix* e de *I. setacea*, ocorrem também: *I. velata*, dispersa pelo território, sem espinhos e com os esporângios cobertos por um véu; *I. duriei*, rara, com espinhos e esporos reticulados.

A subclasse Equisetidae é representada por uma única família (Equisetaceae) e por um único género, *Equisetum*, cujas espécies são popularmente denominadas cavalinhas. Em Portugal continental assinalam-se quatro espécies, das quais apenas *E. palustre* não consta desta obra. Ocorre em locais húmidos ou encharcados, em solos de origem aluvionar, nas regiões centro e norte, distinguindo-se de *E. ramosissimum* por apresentar estróbilos (cones) obtusos e não mucronados.

A subclasse Ophioglossidae é também representada por uma única família (Ophioglossaceae) e por um único género, *Ophioglossum*, cujas espécies são popularmente denominadas fetos-língua-de-cobra. Além de *O. lusitanicum*, assinalam-se também: *O. vulgatum*, raro e observado apenas no Douro Litoral e em Trás-os-Montes, e *O. azoricum*, muito raro e apenas observado em Trás-os-Montes, embora, em ambos os casos, também haja registos de ocorrências históricas isoladas na Beira Alta e no Alto Alentejo.



CR

Lycopodium clavatum
LICOPÓDIO, ENXOFRE-VEGETAL

Ecologia: prados húmidos em margens de lagoas e plataformas rochosas; em alta montanha.



EN

Lycopodiella inundata
LICOPÓDIO-DOS-BREJOS

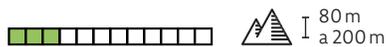
Ecologia: clareiras de matos higrófilos, prados húmidos; em locais encharcados, com água corrente.



CR

Palhinhaea cernua
PINHEIRINHO, MUSGO-DO-MATO

Ecologia: taludes de caminhos; em locais húmidos e sombrios.



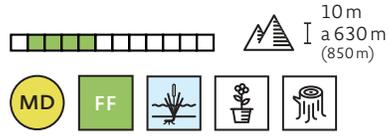
Selaginella denticulata
SELAGINELA

Ecologia: taludes, rochedos; em locais húmidos e sombrios.



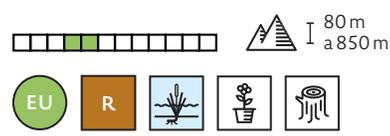
Isoetes histrix
CEBOLINHO-DOS-CHARCOS-
-ERIÇADO*

Ecologia: em locais com solos temporariamente encharcados, arenosos ou arenoso-limosos.



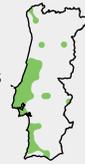
Isoetes setacea
CEBOLINHO-DOS-CHARCOS-
-IBÉRICO*

Ecologia: em locais com solos temporariamente encharcados, arenosos ou arenoso-limosos.



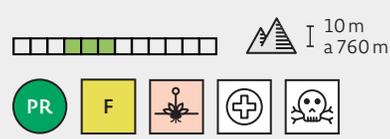
Equisetum telmateia
ERVA-PINHEIRA, CAVALINHA

Ecologia: bosques ripícolas, margens de cursos de água; em locais sombrios e húmidos.



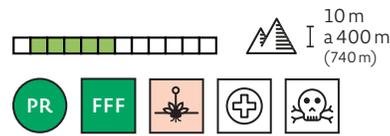
Equisetum arvense
CAVALINHA

Ecologia: margens de cursos de água; em solos húmidos.



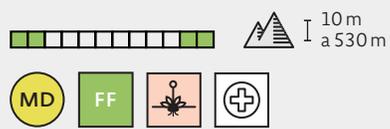
Equisetum ramosissimum
CAVALINHA, ERVA-PINHEIRA

Ecologia: margens de cursos de água, infestante em regadios agrícolas e locais perturbados; em solos húmidos.



Ophioglossum lusitanicum
LÍNGUA-DE-COBRA, LÍNGUA-DE-
-COBRA-MENOR

Ecologia: prados anuais, em clareiras de matos, taludes; em locais húmidos no inverno.



SUBGRUPO

FETOS SUPERIORES

Apresentam-se neste subgrupo os fetos modernos (subclasse Polypodiidae), constituídos por cerca de 54 espécies e 28 géneros, que se agrupam em 15 famílias botânicas diferentes.

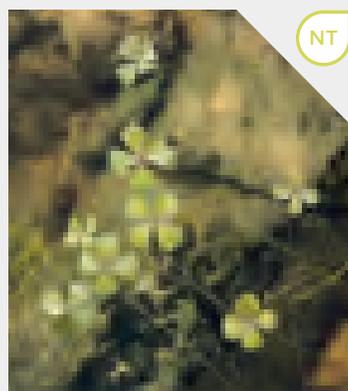
Algumas destas famílias são escassamente representadas em Portugal continental, como, por exemplo: Blechnaceae, com duas espécies, o feto-pente (*Blechnum spicant*) e o feto-do-botão (*Woodwardia radicans*), sendo este o maior dos fetos nativos; Marsileaceae, com dois géneros, *Marsilea* e *Pilularia*, com duas espécies cada, todas aquáticas; Salviniaceae, com duas espécies exóticas de fetos aquáticos, *Azolla filiculoides* e *Salvinia molesta*; Polypodiaceae, com três espécies do género *Polypodium*, *P. cambricum* e as não ilustradas *P. interjectum*, dispersa de norte a sul, e *P. vulgare*, apenas conhecida no Centro-Norte do país. Várias espécies são mesmo as únicas representantes das suas famílias, como, por exemplo, o feto-dos pântanos (*Thelypteris palustris*, Thelypteridaceae), o feto-real (*Osmunda regalis*, Osmundaceae), o feto-filme (*Vandenboschia speciosa*, Hymenophyllaceae), o feto-comum (*Pteridium aquilinum*, Dennstaedtiaceae), o feto-de-cabelinho (*Culcita macrocarpa*, Culcitaceae), o feto-dos-carvalhos (*Davallia canariensis*, Davalliaceae) e o exótico feto-arbóreo (*Balantium antarcticum*, Dicksoniaceae).

A família Dryopteridaceae engloba oito espécies em dois géneros, *Dryopteris* (sete espécies) e *Polystichum* (1). Além das espécies ilustradas no guia, ocorrem também: *Dryopteris dilatata*, frequente em fendas de rochas, em ambientes florestais, nas regiões de clima atlântico; *D. guanchica*, em fendas de rocha, em locais muito húmidos, nas serras do Noroeste e, no passado, citada também para a serra de Sintra; *D. expansa*, muito rara, apenas ocorrendo em cascalheiras acima dos 1700 metros de altitude, na serra da Estrela; *D. carthusiana*, rara, em bosques paludosos, no Minho. As três últimas estão ameaçadas de extinção em Portugal continental.

Na família Aspleniaceae integram-se três géneros e 13 espécies: *Asplenium* (dez espécies), *Ceterach* (1) e *Phyllitis* (1), sendo que apenas uma não é apresentada no guia, *Asplenium obovatum* subsp. *protobillotii*, mal conhecida, pois apenas recentemente foi citada para a serra de Monchique.

Uma das famílias de fetos mais diversas são as Pteridaceae, com sete géneros e cerca de 12 espécies, das quais cinco são as únicas representantes do seu género: *Notholaena marantae*, *Cosentinia vellea*, *Cryptogramma crispa*, *Adiantum capillus-veneris* e *Anogramma leptophylla*. As restantes incluem-se nos géneros *Cheilanthes* (5) e *Pteris* (2). Não ilustradas, mencionam-se também *Pteris incompleta*, planta macaronésia, cujo carácter nativo no continente é duvidoso, conhecida apenas da serra de Sintra e dos arredores de Coimbra, em fendas de muros e ruínas; *Cheilanthes acrosticha*, em cascalheiras e fendas de rochas calcárias, no Centro-Oeste, serra da Arrábida e Barrocal algarvio; *Cheilanthes guanchica*, raro e restrito à serra de Monchique e arredores, onde ocorre, principalmente, em rochas sieníticas; *Cheilanthes tinai*, frequente de norte a sul, em fendas de rochas ácidas. Este último é semelhante a *C. hispanica*, da qual se diferencia por ter lâmina ovado-lanceolada, do mesmo tamanho do pecíolo ou até duas vezes menor, e com pelos glandulares mais curtos e esparsos.

Na família Woodsiaceae assinalam-se dois géneros, *Athyrium* (uma espécie) e *Cystopteris* (três espécies), e, além das espécies apresentadas na obra, assinalam-se também *Cystopteris fragilis* e *Cystopteris dickieana*, ambas em fendas de rochas, muros e taludes, em locais húmidos e sombrios, e escassamente distribuídas no interior norte e centro.



NT

Marsilea batardae

TREVO-DE-QUATRO-FOLHAS-DO-SUL, TREVO-DE-QUATRO-FOLHAS-PELUDO

Ecologia: margens de rios; em locais sujeitos a inundações periódicas.



Marsilea quadrifolia

TREVO-DE-QUATRO-FOLHAS

Ecologia: lagoas, margens de rios; em locais sujeitos a inundações periódicas.

CR



EN

Pilularia globulifera

PILULÁRIA

Ecologia: pauis, charcos, arrozais; águas paradas, pouco profundas.

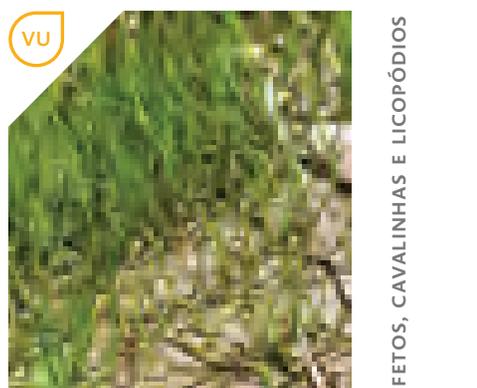


Pilularia minuta

PILULÁRIA-MENOR

Ecologia: charcos; águas paradas, pouco profundas.

VU



52.

ORQUÍDEAS

As orquídeas (Orchidaceae) são uma das famílias botânicas com maior diversidade a nível global, e em Portugal continental são representadas por cerca de 50 espécies, que se agrupam atualmente em 15 géneros: *Ophrys* (12 táxones), *Orchis* (6), *Anacamptis* (5), *Dactylorhiza* (5), *Epipactis* (5), *Serapias* (5), *Neotinea* (3), *Cephalanthera* (2), *Limodorum* (2), *Spiranthes* (2), *Himantoglossum*, *Gennaria*, *Gymnadenia*, *Neottia* e *Platanthera*, todos com apenas uma espécie. Segundo alguns autores, a diversidade poderá ainda ser superior, pois existem outros táxones descritos, embora não sejam consensuais.

Além dos táxones ilustrados no guia, foram também assinaladas no território as seguintes espécies: *Orchis provincialis*, raríssima e criticamente em perigo de extinção, conhecida de um único local na região centro, em pousios e clareiras de carvalhal em solo básico, distingue-se das restantes espécies do seu género pelas suas flores amareladas; *Epipactis palustris*, ocorria em prados húmidos no litoral norte mas considera-se regionalmente extinta, pois, apesar de ser alvo de prospeção regular, não existem registos posteriores a 1961; *Dactylorhiza incarnata*, citada para os arredores de Macedo de Cavaleiros (Trás-os-Montes), não voltou a ser observada em Portugal continental e é possível que esteja regionalmente extinta; *Dactylorhiza insularis*, rara e em perigo de extinção, conhecida de poucos locais em Trás-os-Montes e na serra de Montejunto, em clareiras de carvalhais e soutos; *Limodorum trabutianum*, espécie sem clorofila, rara, que se conhece de locais dispersos no Centro-Oeste calcário, Alto Alentejo e Trás-os-Montes, em bosques e matagais. Distingue-se de *L. abortivum* por possuir flores com labelo não articulado e esporão menor.

Mencionam-se ainda vários outros táxones de orquídeas que já foram referidos como ocorrentes em Portugal continental, mas que não foram reconhecidos nas principais obras de referência desta obra (*Checklist da Flora de Portugal*, *Nova Flora de Portugal*, *Flora iberica*). Entre outras, referem-se: *Ophrys ficalhoana*, próxima de *O. tenthredinifera*, embora com flor maior e floração mais tardia; *Ophrys algarbiensis*, muito semelhante a *O. fusca* subsp. *dyris*, da qual se diferencia por apresentar o labelo estreito e patente (labelo mais aberto e caído na subsp. *dyris*); *Ophrys quarteirae*, similar a *O. lutea*, mas de caule mais delgado e alto, com maior número de flores (geralmente cinco-dez); *Ophrys lupercalis*, citada para o Barrocal algarvio, semelhante a *O. fusca* subsp. *fusca*, mas de floração mais precoce e com manchas mais pálidas; *Ophrys picta*, semelhante a *O. scolopax*, embora de floração mais precoce e com flores menores; *Ophrys pintoii*, no Centro-Oeste calcário, muito semelhante a *O. fusca*, mas com flores menores e em menor quantidade; *Ophrys lenae*, considerada por outros como um híbrido entre *O. fusca* subsp. *fusca* e *O. fusca* subsp. *dyris*, apenas conhecida de uma área muito restrita do Centro-Oeste calcário; *Serapias cordigera* subsp. *gentilii*, com flores mais pálidas do que a subsp. *cordigera*, indicada para a serra do Caldeirão; *Serapias occidentalis*, assinalada em solos calcários da serra de Sicó; *Epipactis phyllanthes*, que se suspeita ocorrer em bosques caducifólios em Trás-os-Montes, e que esteja a ser confundida com *E. fageticola*.





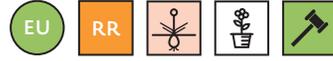
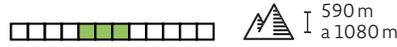


EN

Epipactis fageticola

HELEBORINA-DOS-BOSQUES,
HELEBORINA-DOS-FAIAIS*

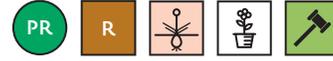
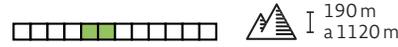
Ecologia: bosques caducifólios,
por vezes ripícolas; em substratos
húmidos.



Epipactis helleborine

HELEBORINA-COMUM,
HELEBORINHA

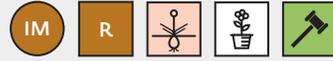
Ecologia: bosques, pinhais e
matagais; em locais frescos, em
diversos substratos.



Epipactis lusitanica

HELEBORINA-LUSITANA*

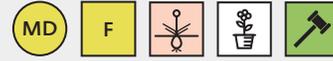
Ecologia: matagais e bosques
perenifólios; em locais ensombrados
e solos geralmente ácidos.



Epipactis tremolsii

HELEBORINA-VERMELHA*

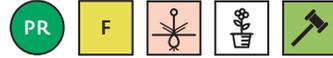
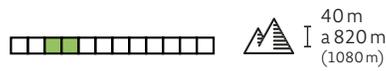
Ecologia: clareiras de matos,
matagais e bosques; em locais
abertos e secos, em solos
pedregosos, geralmente básicos.



Cephalanthera longifolia

HELEBORINA-BRANCA*

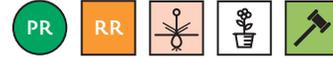
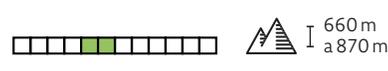
Ecologia: bosques e matagais;
indiferente edáfica.



Cephalanthera rubra

HELEBORINA-ROSADA*

Ecologia: bosques e matagais.



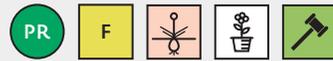
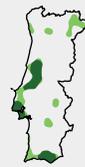
EN



Spiranthes spiralis

TRANÇAS-DE-OUTONO, ESPIRAL-
-DO-OUTONO

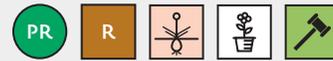
Ecologia: prados, clareiras de matos;
em sítios secos; indiferente edáfica.



Spiranthes aestivalis

TRANÇAS-DE-VERÃO, ESPIRAL-
-DO-VERÃO

Ecologia: prados húmidos, margens
e leitos rochosos de cursos de água.



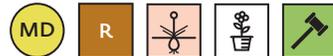
NT



Limodorum abortivum

LIMODORO*, ORQUÍDEA-
-ABORTIVA

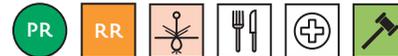
Ecologia: bosques e matagais;
indiferente edáfica.



Neottia nidus-avis

ORQUÍDEA-NINHO-DE-PÁSSARO*

Ecologia: bosques caducifólios,
pinhais; em sítios sombrios.



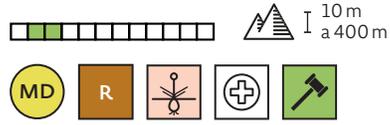
VU



Gennaria diphylla

SATIRIÃO-DE-DUAS-FOLHAS*

Ecologia: orlas de matagais; em solos ácidos, principalmente.

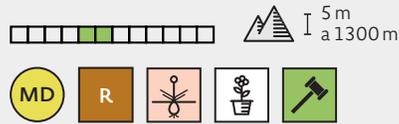


NT

Dactylorhiza elata

SATIRIÃO-BASTARDO, ORQUÍDEA-DOS-BREJOS*

Ecologia: prados húmidos.

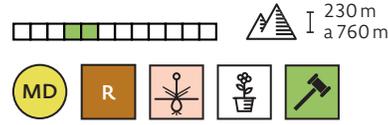


NT

Dactylorhiza sulphurea

ORQUÍDEA-SULFUROSA*

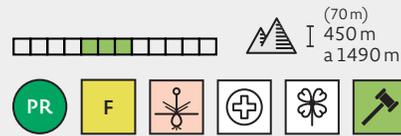
Ecologia: bosques, clareiras de matos e prados; em sítios algo ensombrados.



Dactylorhiza maculata

SATIRIÃO-MANCHADO

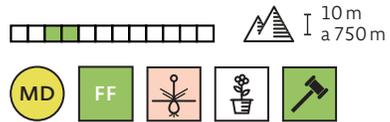
Ecologia: prados húmidos, matos higrófilos, turfeiras.



Neotinea maculata

NEOTÍNEA-MACULADA*

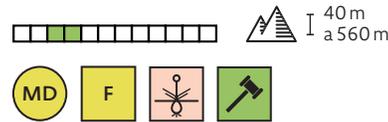
Ecologia: clareiras de bosques e matagais; indiferente edáfica.



Neotinea conica

ORQUÍDEA-BRANCA*

Ecologia: clareiras de matos e bosques; em solos calcários, geralmente descarbonatados e pobres.

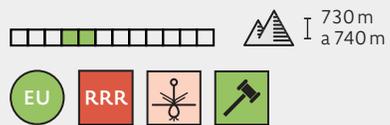


CR

Neotinea ustulata

ORQUÍDEA-CHAMUSCADA*

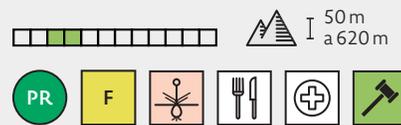
Ecologia: prados de montanha.



Orchis anthropophora

ERVA-DO-HOMEM-ENFORCADO, RAPAZINHOS

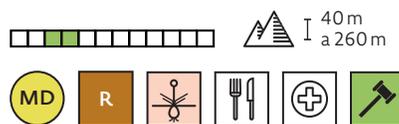
Ecologia: prados e clareiras de matos; em solos pedregosos, básicos.



Orchis papilionacea

ERVA-BORBOLETA, SALEPEIRA-BORBOLETA*

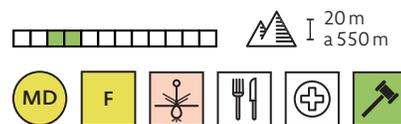
Ecologia: prados, pastagens, clareiras de matos; indiferente edáfica.



Orchis italica

ERVA-DOS-MACAQUINHOS, SALEPEIRA-DOS-MACAQUINHOS*

Ecologia: prados, clareiras de matos; em locais soalheiros, solos pobres, geralmente básicos.





Serapias cordigera

ERVA-LÍNGUA-MAIOR*,
SERAPIÃO-DE-FLORES-GRANDES

Ecologia: prados, clareiras de bosques e matos; em solos ácidos.



10m
a 1030m

MD FFF

A flora de Portugal mostrada em livro por quem sabe, os cientistas, que a querem universalmente conhecida, mais do que impressionar, maravilha-nos.

É uma obra notável, não só por compilar, finalmente, toda a nossa flora, como uma enciclopédia, na qual verificamos a enorme diversidade e variedade que existe em Portugal, mas sobretudo porque, para cada flor, é-nos dito onde vive, quando aparece, a que altitude, com quem se dá (tipo de vegetação a que está associada), se está fatigada e em risco ou se está protegida, se é comestível ou se é venenosa, se pode ter um uso pelo Homem mais decorativo ou mais industrial, seja medicinal ou cosmético. O que é certo é que em qualquer linha temos sempre informação, cor, tempo e beleza.

E ao virar das páginas há, com o respetivo registo fotográfico, um bilhete de identidade, preciso, que nos indica a categoria, a espécie e o subgrupo a que pertence, como se cada flor nos fosse apresentada pelo seu nome próprio e apelido, deixando-nos livres para a tratar por tu.

É um guia com inúmeras preciosidades. É a deusa Flora, multiplicada nos seus inúmeros heterónimos, a comandar a leitura, permitindo que o seu perfume seja aqui, com simplicidade, guardado. Cada página é um canteiro a florir, que brilha, como se o Éden tivesse descido à Terra para se dar a conhecer.

Neste glorioso jardim podemos ver quase todas as metáforas. O folhear arrepiá-nos, com a emoção à flor da pele, umas vezes percebendo a necessidade de tratar cada uma delas com mil cuidados, como uma flor de estufa, outras vezes com vontade de exibi-las, vaidosamente, na lapela.

Neste volume da coleção «Botânica em Português», superiormente editado e impresso pela Imprensa Nacional e idealizado no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia 2020, os elogios aos autores e à Sociedade Portuguesa de Botânica podiam ser múltiplos, mas julgo que a melhor forma de o fazer será enfeitá-los, ornamentá-los ou cobri-los de flores, como se agradece aos que concluem um trabalho ímpar, ou aos que conseguem uma vitória histórica, ou como acontece quando se reconhece um mérito invulgar.

José Sá Fernandes

Vereador do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia
Câmara Municipal de Lisboa



Dotado de uma forte componente visual, este guia único, sexto volume da coleção «Botânica em Português», incide sobre a flora vascular (plantas que têm vasos condutores especializados no transporte da seiva), que abarca todos os grandes grupos de plantas terrestres, com exceção do grupo dos 'briófitos', constituído pelos musgos, hepáticas e antóceros. Aqui, o leitor poderá ter uma visão abrangente da flora vascular de Portugal continental, pelo que estão ilustrados 2076 táxones – na maioria dos casos, correspondendo a espécies e, mais raramente, a subespécies ou variedades. Este valor representa mais de 60% da diversidade de plantas vasculares assinalada para Portugal continental. Apesar de estar focada nas espécies mais comuns e disseminadas no território, esta obra procura também dar a conhecer algumas das espécies mais raras e a maioria das espécies endémicas de Portugal continental.

EDIÇÕES LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020
COLEÇÃO BOTÂNICA EM PORTUGUÊS 6

